



## Uma breve discussão acerca da contribuição de Xuanzang na história da tradução da China

A brief discussion of Xuanzang's contribution to the Chinese translation history

**Tingfu Yang** (*in memoriam*)  
East China Normal University

Tradução de:

**Vitor Campos Moura Neves e Siqueira**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
vitor1115@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-6371-1551>

**Yingyi Liang**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
liangyingyizoe@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-9609-7692>

**Resumo:** O presente artigo aborda a contribuição de Xuanzang (602-664 d.C.) para a história da tradução na China, com ênfase na transmissão e tradução das escrituras budistas. Após uma breve apresentação do panorama da tradução de escrituras budistas desde a Dinastia Han Oriental até o declínio durante as Dinastias Song, Yuan e Ming, o artigo focalizará as duas fases da trajetória de Xuanzang. A primeira fase corresponde à sua viagem para a Índia, com o objetivo de aprofundamento filosófico e domínio do sânscrito. A segunda fase corresponde ao retorno à China, quando traduziu um grande número de sutras diretamente do sânscrito para o chinês durante 19 anos. Devido à sua prática de revisar e corrigir versões anteriores, ao uso equilibrado de tradução literal e livre e à implementação de um sistema de trabalho coletivo, com divisão de funções especializadas, é possível afirmar que Xuanzang deu início ao período da “Nova Tradução” na história da China. No tocante às características da prática tradutória de Xuanzang, observa-se que são marcadas pelo planejamento institucional, prudência comparativa, precisão linguística e retradução de textos imperfeitos. Tais características exercem uma influência duradoura tanto na teoria quanto na prática tradutória da China.

**Palavras-chave:** Xuanzang; tradução de escrituras budistas; história da tradução da China.

**Abstract:** The present article examines Xuanzang's (602-664 CE) contribution to the history of translation in China, with an emphasis on the transmission and translation of Buddhist scriptures. After a brief overview of Buddhist scripture translation from the Eastern Han dynasty through its decline under the Song, Yuan, and Ming dynasties, the article focuses on the two stages of Xuanzang's career. The first stage corresponds to his journey to India, undertaken to deepen his philosophical understanding and to master Sanskrit. The second stage corresponds to his return to China, during which he translated a large number of sutras directly from Sanskrit into Chinese over a period of nineteen years. Owing to his practice of revising and correcting earlier versions, his balanced use of both literal and freer translation strategies, and his implementation of a collective work system with specialized role divisions, Xuanzang is credited with inaugurating the "New Translation" era in Chinese history. Regarding the characteristics of his translational practice, it is marked by institutional planning, comparative prudence, linguistic precision, and the retranslation of imperfect texts. These features have exerted a lasting influence on both the translation theory and translation practice in China.

**Keywords:** Xuanzang; Buddhist scripture translation; Chinese translation history.

## I. Introdução<sup>1</sup>

A atividade da tradução na China tem uma longa história, como mencionado no *Ritos Zhou - Qiuguan*<sup>2</sup> - *Daxingren*<sup>3</sup>: "ordena-se que os funcionários tradutores venham aprender a língua (na corte da Dinastia Zhou)"<sup>4,5</sup>. O dito "a Nação de Yueshang ofereceu o faisão branco (ao rei de Dinastia Zhou) através de traduções múltiplas feitas por três intérpretes"<sup>6</sup>, assim como os poemas compostos por Bai Langwang<sup>7</sup>, tem uma credibilidade duvidosa, então os deixamos de lado por

<sup>1</sup> (N.T.) No texto original, cada secção apresenta apenas numeração e não tem subtítulos. Os subtítulos foram acrescentados pelos tradutores para facilitar a leitura.

<sup>2</sup> (N.T.) O capítulo "Qiuguan" trata dos sistemas judicial e diplomático.

<sup>3</sup> (N.T.) Funcionário de convenções e protocolo.

<sup>4</sup> (N.T.) Neste artigo, todo trecho entre parênteses no texto principal e nas notas de rodapé são adições nossas para desfazer ambiguidades ou complementar passagens para elucidação, exceto os parênteses que marcam a datação de anos do calendário ocidental, que pertencem ao texto original. Os poucos parênteses pertencentes ao texto original que não representam datas, são grafados nesta tradução como colchetes.

<sup>5</sup> Conforme a nota de Zheng Kangcheng sobre os *Ritos Zhou*, "no início da Dinastia Zhou, a Nação Yueshang ofereceu os presentes através de traduções múltiplas, por isso, a Dinastia Zhou nomeou aqueles funcionários que dominam as línguas como 'Xiangxu'". Consultado também das notas de *Qiuguan Xiangxu* e dos comentários de Kong Yingda.

<sup>6</sup> Segundo "Septuagésima sexta Biografia a respeito dos bárbaros do Sul e bárbaros do Sudoeste" no volume 86 do *Livro de Han Posterior*: "Ao sul da região de Jiaozhi, há a Nação de Yueshang. O duque de Zhou governou como regente por seis anos, estabelecendo cerimônias e protocolos, produzindo obras musicais, e regendo com grande paz. A nação de Yueshang, através de traduções múltiplas distintas realizadas por três funcionários (Xiangxu), conseguiu conceder o falcão branco (ao duque). É dito que 'O caminho é longínquo, as montanhas rochosas e os rios profundos. Como não se fazia entender a língua de cada lugar, apoiava-se em múltiplas traduções para oferecer presentes à corte'".

<sup>7</sup> Conforme o volume 86 do *Livro de Han Posterior*. Em Yongping, o governador de Yizhou de Liang, Zhu Fu, apresentou uma petição: "Agora Bai Langwang (Tang Zou), dentre outros que foram naturalizados nesta nação, compuseram um poema em três cantos [...]. É difícil de comprovar o sentido das palavras da língua dos bárbaros longínquos. As árvores e plantas são diferentes, os pássaros e os animais também não são os mesmos. Como o oficial da prefeitura de Qiangwei, Tian Gong, está familiarizado com eles e conhece bem a sua língua, eu imediatamente ordenei que ele inquirisse acerca dos costumes dos bárbaros e traduzisse sua língua. Agora, estou a escoltar o assistente do governador Li Ling e Tian Gong ao palácio e ver o imperador, para que possam oferecer o poema de Tang Zou". Os três cantos do poema são:

agora. No entanto, com a introdução do budismo indiano, iniciou-se o trabalho de tradução dos textos budistas em Sânsrito, em Páli, na língua Tocária da Ásia central, dentre outras línguas. Tudo era feito em grande escala, envolvendo muitos tomos e volumes, um longo período de tempo e uma multidão de pessoas, não sendo possível de comparar com nenhuma outra nação na história do mundo.

Em relação ao início a tradução de textos budistas na China, por enquanto, deixaremos de lado os acontecimentos no décimo ano de Yongping (67 d.C.), em que Kāśyapa Mātaṅga e Indu-Dharmāraṇya (Gobharana) chegaram ao Templo do Cavalo Branco em Luoyang e traduziram o *Sutra de Quarenta e dois Capítulos*, o *Sutra de Finalização de Nós das Dez Terras Sagradas* e outros três sutras cuja autenticidade é difícil de se comprovar<sup>8</sup>. Para além destes cinco, a atividade tradutória verídica e bem documentada na China começa a partir do primeiro ano de Yuanjia do Imperador Huan da dinastia Han Oriental (151 d.C.) com a tradução do *Mahāsaṃnipāta sutra* por um monge da Pártia [antiga Pérsia, hoje Irã] An Qing [Shigao, de Pártia].

Até a dinastia Tang, o *Registros dos ensinamentos Śākyamuni da era Kaiyuan* já registrou um total de 1.070 textos incluídos nos cânones budistas. Após estes, ainda houve *Ensinamentos Sagrados do Tripiṭaka da Dinastia Ming*, *Ensinamentos Sagrados do Tripiṭaka da Dinastia Qing* e o *Tripiṭaka Taishō Revisado* do Japão. As escrituras budistas tornaram-se uma parte importante da superestrutura da sociedade feudal chinesa e, durante muito tempo, tiveram uma influência ampla e profunda em todos os aspectos, ocupando um espaço importante na história da cultura chinesa. O pensamento budista não só se tornou um sistema complexo e importante do idealismo na história da filosofia chinesa, como também adentrou na cultura acadêmica, na literatura e na arte, até mesmo nos costumes populares da vida cotidiana. Não se pode ignorar este aspecto ao estudar as ciências sociais da China, especialmente em relação à literatura, à história e à filosofia. Ao explorar a história do desenvolvimento da tradução na China, as traduções de textos budistas deveriam ser destacadas e enfatizadas em detalhe.

A respeito da divisão dos períodos da história da tradução na China, desde o fim da dinastia Han Oriental até o quarto ano de Jingyou, do Imperador Renzong da dinastia Song do Norte (1037 d.C.), época na qual os institutos de tradução das escrituras budistas se estagnaram<sup>9</sup>, um total de

1) canto de alegria dos bárbaros longínquos pela virtude; 2) canto de admiração dos bárbaros longínquos pela virtude; 3) canto de nostalgia dos bárbaros longínquos pela virtude. Todos traduzidos da língua local para o mandarim, como “Di Guan Wei Gou” que significa “A regência de Han é extraordinária”, “Wei Mao Yu Zao” que é “de acordo com a vontade dos céus”, e “Tui Tan Pu Yuan” que significa “comidas e bebidas são saborosas” [...] Pelo fato de os cantos serem longos, não serão adicionados aqui por completo, para mais detalhes, consulte a presente biografia. Esta é a mais antiga tradução para a língua chinesa, e foi feita a partir das línguas das minorias étnicas de nossos compatriotas em Yunnan.

<sup>8</sup> Conforme a *Biografia de Indu-dharmāraṇya* no primeiro volume da *Biografia de Monges Eminentes* de Huijiao: “Desde jovem, Indu-Dharmāraṇya já dominava bem o chinês. Depois de Cai Yin obter as escrituras nas terras do ocidente, Indu-Dharmāraṇya traduziu o *Sutra de Finalização de Nós das Dez Terras Sagradas*, o *Jātakamālā*, o *Repertório do Mar do Dharma*, o *Abhiniṣkramaṇa Sūtra* e o *Sutra de Quarenta e Dois Capítulos*, totalizando cinco obras. Após a mudança da capital e os distúrbios causados por bandidos, quatro dessas obras se perderam e não se viram disseminadas na região de Jiangzuo (sul do Rio Yangtze), apenas o *Sutra dos Quarenta e Dois Capítulos* ainda existe até hoje”. Este registro, contudo, está errado. Na página 28 do segundo capítulo da *História do Budismo nas Dinastias de Han, Wei, Jin e nas Dinastias do Norte e do Sul*, já foi feita uma averiguação precisa e acurada, e concordo com esta averiguação.

<sup>9</sup> No início da dinastia Song, os monges chineses iam sucessivamente à Índia para obter escrituras e buscar o dharma. Por exemplo, Dao Yuan de Cangzhou viajou às cinco regiões da Índia, indo e voltando ao longo de dezoito anos. Os monges famosos da Índia e das terras ocidentais também trouxeram as escrituras sâncritas redigidas em folhas de

886 anos marcou a era da tradução dos textos budistas. Após esse período, a atividade entrou em declínio. Nos registos da dinastia Song do Sul, não se encontraram mais traduções de escrituras. Na dinastia Yuan, apenas um pequeno número de pessoas, tais como Pang-pa ('pangs-pa) e Guanzhuba<sup>10</sup>, receberam mandatos imperiais para realizar traduções de sutras, completando apenas pouco mais de dez tomos. Na dinastia Ming, apenas Zhiguang e um ou dois outros mais chegaram a traduzir algumas escrituras; na dinastia Qing, Gon-po Chab (Mgonpo Skyabs) e outras quatro pessoas também traduziram um certo número de escrituras. No entanto, Gon-po Chab é particularmente notável por ter traduzido o *Registro da Grande Dinastia Tang sobre as Regiões Ocidentais* do chinês para o tibetano e o *Samyak-saṃbuddha-bhāṣitam pratimā-lakṣaṇam* do tibetano para o chinês. Naquele período, o budismo na Índia estava à beira da extinção. A maioria das obras antigas importantes já tinham traduções para o chinês, ao passo que já não surgiam mais novas obras. Assim, a atividade de tradução dos textos sânscritos foi interrompida e, durante este período, os textos originais da maioria das traduções eram escritos em tibetano.

Durante a dinastia Yuan, desde o governo central até as instituições estatais e municipais, havia o Bi Duchi mongol (responsável pela elaboração de texto), escreventes mongóis, tradutores e intérpretes, dentre outros funcionários relacionados à tradução. Além disso, foram estabelecidos os cargos da Academia Hanlin Mongol, os Zaerlichi (também conhecida como Zaeruhuchi, responsável pela escrita dos decretos imperiais de Grão-cã Mongol), os primeiros-ministros de Nei Ba Fu<sup>11</sup>, os oficiais de tradução para as leituras do imperador<sup>12</sup>, dentre outras posições. Embora este período fosse um tanto breve, ocupa um lugar significativo na história da tradução na China. Além disso, suas inscrições em estelas e decretos que vemos nos dias de hoje foram todos traduzidos na língua vernácula, algo sem precedentes. Até a tradução da *História Secreta dos Mongóis* realizada no início da dinastia Ming, continuou a ser utilizada a língua vernácula para a tradução literal. Tanto no final da dinastia Ming e no início da dinastia Qing, após a Guerra do Ópio até às vésperas do Movimento de Quatro de Maio, a história da tradução da China entrou em uma era em que havia inovações competitivas em todas as áreas do conhecimento. Há trezentos anos, Xu Guangqi e Matteo Ricci traduziram em conjunto a obra *Os elementos de Euclides*, e Li Zhizao e Francisco Furtado traduziram juntos as obras-primas de Aristóteles, incluindo *Investigação acerca dos Nomes e*

---

palmeiras à dinastia Song. Por isso, no sexto mês do sétimo ano de Taiping Xingguo (982 d.C.), foi estabelecido o instituto de tradução de escrituras (renomeado no ano seguinte para “instituto de transmissão do dharma”). A atividade de tradução desse instituto foi presidida por monges famosos do Norte da Índia como Devasāntika, Dharmagupta e Dānapāla, e foram escolhidas dez crianças para aprender o sânscrito com o objetivo de se criar tradutores talentosos. Entre essas crianças, a mais proeminente foi Wei Jing, que presidiu o trabalho de tradução dos sutras até o quarto ano de Jing You, quando as atividades de tradução pararam, totalizando 56 anos. Segundo o volume 45 do *Registro Geral dos Patriarcas*, no segundo ano de Jing You, “traduziram-se 564 volumes”.

<sup>10</sup> (N.T.) Nome original não encontrado, portanto apresenta-se a transcrição do nome conforme o mandarim.

<sup>11</sup> (N.T.) Nei Ba Fu (内八府) foi uma instituição encarregada das cerimônias e assuntos de audiências dos nobres.

<sup>12</sup> Conforme o *Registros de Cem Oficiais* no volume 57 de *Nova História de Yuan*: “A Academia Hanlin da Mongólia encarregou-se de traduzir e escrever todos os tipos de textos e de emitir decretos selados do imperador”. De acordo com o volume 192 da *História da Dinastia Yuan, Biografia de An Duci*: “(An Duci) era versado em clássicos e histórias e aprendeu línguas de vários países. Durante o período de Chengzong, assumiu o cargo de Zaerlichi da Academia Hanlin, era responsável por redigir decretos”. O *Registro de Cem Oficiais de Nova História de Yuan* menciona que “Os primeiros-ministros de Nei Ba Fu eram responsáveis pelos assuntos relacionados com audiências dos nobres. No caso de decretos, eles colaboraram com os funcionários da Academia Hanlin mongol para traduzir e refinar os textos”. Para saber a respeito dos oficiais de tradução para as leituras do imperador, pode-se consultar a *Biografia de Guiyi* no volume 186 de *História da Dinastia Yuan*.

*Princípios, Sobre o Céu (De caelo et mundo)* dentre outras obras de grande valor, porém a quantidade de livros traduzidos não era grande.

No final da dinastia Qing, a Universidade de Peiyang, o Gabinete de Fabricação Jiangnan de Xangai, a Sociedade para a Difusão do Conhecimento Cristão e Geral entre os Chineses (Guangxuehui), a Editora Wenming, a Editora Comercial Press, dentre outras organizações traduziram um grande número de livros sobre ciências naturais e sociais, abrindo terreno para a “nova aprendizagem”, algo definitivamente digno de crédito. Durante este período, houve um grande número de pessoas talentosas e uma grande cooperação entre acadêmicos chineses e estrangeiros. Pode-se citar o senhor Yan Jidao [Yan Fu] e o senhor Lin Qinnan [Lin Shu] como dois tradutores notáveis nos velhos tempos: as traduções livres de Yan Fu de obras famosas no domínio das ciências sociais, de estilo meticuloso e com fidelidade, expressividade e elegância, continuam a ter um valor de referência até os dias de hoje. Lin Shu usava o chinês clássico num estilo fresco, refinado e fácil de entender, traduzindo mais de 10 milhões de palavras de obras literárias europeias e americanas. Seu esforço e diligência eram impressionantes para as condições daquela época, sendo digno de bastante admiração.

A atitude científica do marxismo-leninismo consiste em buscar a verdade a partir dos fatos, estes tradutores tinham limitações de sua época e classe, então não podemos criticar as pessoas do passado de qualquer forma e sem qualquer fundamento. As contribuições deles na tradução da nova era são como “tentar desbravar densas florestas com uma carroça velha e vestindo trapos desgastados”. Portanto, elas não podem ser obliteradas.

Sempre há um princípio e um fim para tudo. Sem se desviar do tema, acima foi feita uma retrospectiva breve e concisa sobre a história da tradução da China, que demonstra o enfoque principal na tradução das escrituras budistas nestes mais de mil anos. Em quase mil anos, foi-se traduzido um número enorme de escrituras de conteúdo bastante abrangente. A maior parte dos textos originais destas escrituras se perderam e sua transmissão se apoiou inteiramente nas versões traduzidas desses textos. Não se encontrou em nenhum país e em nenhuma língua um número tão grande de obras traduzidas como estas. Podemos nos orgulhar deste fato: em matéria de tradução, as conquistas da China no passado estão muito além do alcance dos outros países e sua longa história de tradução é única no mundo. Entre estes muitos tradutores, Kumārajīva, Paramārtha, Xuanzang, Yijing e Amoghavajra etc. são os mais proeminentes, sendo Xuanzang especialmente notável, e por isso ficou conhecido como o fundador da “Nova Tradução”, um tradutor que marcou uma época.

## 2. A vida e as contribuições de Xuanzang

A vida de Xuanzang pode ser claramente dividida em dois períodos: antes de seus quarenta e seis anos, “ele arriscou-se em uma expedição longínqua e perigosa, segurando seu cajado, seguiu sozinho um longo caminho”, humildemente buscando ensinamentos de professores e amigos e aprofundando-se na filosofia budista. Foi reconhecido como um acadêmico de primeira categoria nas cinco regiões das Índias. Aos quarenta e seis anos, regressou ao seu país com grandes honras e,



até um mês antes da sua morte<sup>13</sup>, aos 65 anos, dedicou-se ao trabalho de tradução, à autoria e à docência. Xuanzang é certamente reconhecido internacionalmente como um grande budista, viajante e filósofo erudito da doutrina budista na história mundial, mas se olharmos para os aspectos acadêmicos e culturais da obra monumental de Xuanzang, seu legado duradouro ainda reside em seus trabalhos de tradução.

Nos dezenove anos que se seguiram após seu regresso à China, trabalhava duramente dia e noite, traduzindo incansavelmente os setenta e quatro volumes de sutras e tratados trazidos da Índia, que totalizaram 1.335 tomos<sup>14</sup>. Isto não só enriqueceu o já glorioso tesouro cultural que sua pátria já possuía, como também preservou documentos preciosos da Índia. Além disso, elaborou doze volumes de *Registros das Regiões Ocidentais da Grande Dinastia Tang*, de grande valor para o estudo da história e da geografia da Ásia Central e do Sul da Ásia da era medieval. Ao mesmo tempo, traduziu para sânscrito o *Mahāyāna Śraddhotpāda Śāstra*, que há muito tempo havia se perdido na Índia, e uma obra filosófica de destaque da China antiga, *Laozi*, divulgando-os na Índia. Isto foi uma contribuição gigantesca para o intercâmbio cultural entre a China e a Índia. O instituto de tradução das escrituras budistas também servia como local para palestras em que, durante as traduções, ele expunha a doutrina para os discípulos, formando um grupo de jovens acadêmicos notáveis e chegando a influenciar o Japão e a Coreia<sup>15</sup>. Um discípulo de Xuanzang, Kuiji, foi um escritor prolífico, conhecido como o “Comentador dos Cem Livros” (Zanning, 1987, p. 66)<sup>16</sup>. Assim, Kuiji estabeleceu a tradição Dharmalakṣana (Yogācāra) [também conhecida como escola da compaixão e doutrina Cittamātra] na história do budismo chinês. Não é por acaso que ele ainda é respeitado pelo povo indiano e lembrado pelo povo chinês até os dias de hoje<sup>17</sup>.

Por que é dito que Xuanzang foi o fundador da “Nova Tradução”? A primeira tarefa de um tradutor é compreender o texto original, e o segundo passo é transmitir o que foi compreendido ao leitor. Portanto, além de dominar com maestria a língua nacional e as línguas estrangeiras, tem também a tarefa de ser proficiente no conteúdo da tradução. De fato, não é uma tarefa fácil satisfazer esses três requisitos. Yan Fu resumiu os três princípios da tradução como fidelidade, expressividade e elegância, eles, ainda hoje, são difíceis de superar. Porém, as traduções de Xuanzang, basicamente, conseguiram atingir tal nível.

<sup>13</sup> O período da vida de Xuanzang não é muito consensual entre os autores, para mais detalhes ver o meu artigo “Análise da vida de Xuanzang” (que se encontra em Coleção comemorativa dos 30 anos de republicação do *Ta Kung Pao* em Hong Kong).

<sup>14</sup> O quinto volume do *Registo dos Cânones Internos da Grande Dinastia Tang* é composto por sessenta e sete partes, totalizando 1.244 tomos, Os Feitos do *Tripiṭakācārya* Mestre Xuanzang da Grande Dinastia Tang de Mingxiang é composto por setenta e cinco partes, totalizando 1.340 volumes. Nenhum destes números está exato.

<sup>15</sup> Naquele tempo, a escola de Xuanzang contava com três mil discípulos, os proficientes somavam o total de setenta discípulos. Essa afirmação é um grande exagero em comparação aos discípulos de Confúcio, sendo difícil de averiguar isso nos dias de hoje. Entre eles, apenas Kuiji e Woncheuk se destacaram, formando duas escolas distintas. Outros, como Puguang, Shenfang, Bianji, Fabao, Shentai, Jingmai, Huaisu, Shunjing, Daoshi, Huili, Yancong, Zongzhe, Jiashang, Lishe, também deram contribuições significativas tornando-se bem conhecidos. Os estudos de Moncheuk e Shunjing influenciaram os antigos estudos do budismo na Coreia. Daozhao foi o fundador da escola Dharmalakṣaṇa no Japão, cuja tradição doutrinária tem sido transmitida até os dias atuais.

<sup>16</sup> (N.T.) O texto original não informa a editora, o ano de publicação e o número de páginas das obras antigas citadas pelo autor. Para facilitar a consulta dos leitores, os tradutores pesquisaram as referências correspondentes e indicaram, no corpo do texto e na lista de referências bibliográficas, versões consultáveis das obras citadas.

<sup>17</sup> De acordo com o relatório de Ji Xianlin sobre a sua visita à Índia em 1978, ainda há registros de Xuanzang nos manuais escolares da escola primária indiana e o povo indiano o considera um “santo”.

Em primeiro lugar, em relação à qualidade das traduções de Xuanzang, a abundância de volumes traduzidos, seu refinamento nas traduções e a atitude rigorosa ultrapassaram as dos grandes mestres tradutores de escrituras de antes e depois dele. Em relação à quantidade, os *Feitos do Tripiṭakācārya Mestre Xuanzang da Grande Dinastia Tang* de Mingxiang descreve Xuanzang como “tendo realizado o dobro do trabalho dos sábios anteriores”. “Mesmo no caso de Kumārajīva, que é elogiado por seu excelente domínio do chinês, depois de traduzir as escrituras por mais de dez anos, ele conseguiu traduzir apenas duzentos e tantos volumes (de acordo com a *Biografia de Monges Eminententes*, foram mais de trezentos volumes, e o *Registro de You* (*Chu Sanzang Jiji*) registrou trinta e cinco escrituras com duzentos e noventa e quatro volumes). Comparando esses números, pode-se observar o nível de dificuldade da tradução de Xuanzang”. Durante os duzentos e oito anos que decorreram entre o primeiro ano de Kaihuang da dinastia Sui (581 d.C.) e o quinto ano de Zhenyuan da dinastia Tang (789 d.C.), cinquenta e quatro tradutores traduziram 2.713 volumes de escrituras budistas<sup>18</sup>, sendo que os que foram traduzidos por Xuanzang somam 1.335 volumes. Ele traduziu novos clássicos que nunca tinham sido traduzidos antes na China e descartou textos antigos produzindo novas retraduções, criando assim o período da “Nova Tradução”.

Inicialmente, as traduções chinesas das escrituras budistas, desde o final da dinastia Han oriental até à dinastia Jin ocidental, baseiam-se em sua maioria em versões nas línguas da Ásia Central, sendo raras as versões em sânscrito. Os tradutores iniciais eram frequentemente monges ou residentes estrangeiros oriundos da Ásia Central e da Índia. A maior parte dessas pessoas “traziam as escrituras e traduziam o que tinham da forma que convinha” (Dao'an, n.d.), sendo a maioria das traduções esporádicas e pequenas. Devido às barreiras linguísticas, era difícil transmitir com exatidão o significado e estilo do texto original e dependia-se muito das interpretações destes “intermediários de línguas”.

Por isso, “desde o fim da dinastia Han anterior (Dinastia Han Ocidental), quando as escrituras e o Dharma começaram a ser transmitidos, as transliterações eram frequentemente grosseiras e errôneas, sem estar nem um pouco claras e precisas.[...] Por isso, era o tradutor quem decidia se a transmissão do significado era bem-sucedida ou não, e era o redator que se responsabilizava pelo conteúdo essencial e pela forma do texto traduzido. Alguns deles podiam entender bem as línguas estrangeiras, mas não captaram a essência do chinês, enquanto outros compreendiam o chinês, mas não sabiam línguas estrangeiras. Embora houvesse interpretações parciais, nunca se alcançava uma compreensão clara e completa” (Sengyou, 1995, p. 13–14). Estes fatos são frequentemente mencionados na primeira coleção de *Biografia de Monges Eminententes* e na *Compilação de Notas do Tripiṭaka*. Naquela época, a tradução das escrituras budistas ainda utilizava bastante o método “Geyi”<sup>19</sup>, o que impunha inevitavelmente uma analogia entre os “textos externos” e os ensinamentos internos dos sutras, adaptando os últimos de forma mecânica e

<sup>18</sup> Conforme *Continuação dos Registros dos Ensinamentos de Śākyamuni de Kaiyuan no período Zhenyuan da Grande Dinastia Tang*.

<sup>19</sup> “Geyi” é mencionado na *Biografia de Zhu Faya* no volume 4 da *Biografia de Monges Eminententes*: “Naquela época, os discípulos que o seguiam estudavam diligentemente os clássicos seculares chineses, porém não eram versados na lógica e doutrina budista. Zhu Faya, junto com Kang Falang e outros, associaram os nomes e formas de objetos descritos nas sutras budistas com os conceitos dos clássicos chineses para poder dar explicações e exemplos. Este método ficou conhecido como ‘Geyi’”. Na verdade, consistia no uso de termos e conceitos filosóficos chineses tradicionais para traçar paralelos e explicar termos filosóficos budistas.

grosseira. Essa prática resultava em traduções infiéis ao texto original, de qualidade rudimentar e inferior, marcando o estágio inicial da história da tradução.

Desde a dinastia Jin Oriental até à dinastia Sui, começaram a ser organizadas traduções de sutras em larga escala, como as presididas por Dao'an e Zhao Zheng, que implementaram uma divisão de trabalho relativamente minuciosa e uma investigação e revisão rigorosas, o que constituiu as bases para as traduções em grande escala realizadas por Kumārajīva. Na dinastia Sui criou-se o “Instituto de Tradução” (um “Dojo” de tradução de escrituras), que na realidade era um gabinete de compilação e tradução gerido pelo governo. Embora fosse um instituto temporário onde foram traduzidas apenas nove escrituras, ele abriu caminho para o início da atividade de tradução coletiva na dinastia Tang. Durante este período, surgiram vários mestres tradutores, tais como Kumārajīva, Guṇabhadra, Fa Xian, Bao Yun, Paramārtha, Jñānagupta, etc., que ainda não dominavam ambas as línguas, e apenas conseguiam deixar o texto claro e fluente através do apoio de seus assistentes, transmitindo assim o espírito da obra original. Este período consistiria na fase de desenvolvimento da história da tradução. Mas isto ainda pertence à época da “Antiga Tradução” na história da tradução na China<sup>20</sup>.

No início da dinastia Tang, Xuanzang presidiu o instituto de tradução e, baseado na experiência de longa data acumulada pela “antiga tradução”, corrigiu os erros de tradução das gerações anteriores, como apontado pelo Sr. Chen Yinke: “Xuanzang alterou completamente a terminologia em suas traduções, pois considerava os termos das traduções antigas das seis dinastias como equivocados”. Podemos já ver isso nos *Registros das Regiões Ocidentais da Grande Dinastia Tang*, em que Xuanzang fez notas a respeito dos nomes em sânscrito, apontando que algumas traduções antigas eram errôneas, apresentando os erros de forma muito clara em cada uma de suas 58 notas. Xuanzang “detestava as várias lacunas e erros das traduções antigas, então viajou à Índia”, por isso suas traduções diferem das traduções antigas, fazendo com que se tornasse o fundador da “Nova Tradução”, o que levou a um período de grande prosperidade na história da tradução durante a dinastia Tang.

Ao mesmo tempo, como Xuanzang conhecia a fundo tanto a língua sânscrita quanto a chinesa, tinha investigações profundas sobre o budismo e dominava com maestria as doutrinas budistas, ele assumiu por conta própria o cargo de tradutor, sem mais depender de estrangeiros. Kumārajīva era conhecido como um grande mestre da tradução, e embora fosse proficiente em sânscrito e nos estudos budistas, não era capaz de pôr a caneta no papel para escrever em chinês. Ele conseguia apenas “segurar com a mão a escritura estrangeira, e proclamá-la na língua chinesa”,

<sup>20</sup> A *Compilação de Notas do Tripitaka* enumera vinte e quatro termos importantes que diferem entre o período da “Nova Tradução” e o da “Antiga Tradução”, sendo as traduções de Kumārajīva consideradas como a ‘nova escritura’, a fim de as distinguir dos sutras da ‘antiga escritura’ do período inicial. O Sr. Xiong Shili disse: “Quando o budismo veio para o leste, antes de Xuanzang começar seu trabalho de tradução, todos os sutras e tratados traduzidos são conhecidos como traduções antigas (também conhecidos como velha escola). Todos os sutras e tratados que o mestre Xuanzang se encarregou de traduzir são chamados de ‘nova tradução’ (também conhecida como nova escola)”. Isto pode ser consultado na página 101 de *Ensaios sobre a História da Filosofia Chinesa*. Sakaino Kōyō considera o período anterior a Kumārajīva como o período arcaico da tradução, da época de Kumārajīva até as dinastias Sui e Tang como o período da tradução antiga e o período posterior a Xuanzang como o período da nova tradução. Isto pode ser consultado em *História Essencial do Budismo Chinês*. Ono Genmyo concorda com a afirmação de Sakaino, dividindo o período da antiga tradução em apenas duas fases: a anterior e a posterior. Isto pode ser consultado em *História da Transmissão e Tradução dos Clássicos* e em *Os Tradutores dos Clássicos Budistas Chineses e as suas Traduções* de Prabodh Chandra Bagchi.

sendo os registros escritos feitos por seus assistentes. Isso levava a situações em que “caso as palavras não fossem mutuamente compreensíveis, tornava-se difícil estabelecer conexões entre os pensamentos e o espírito”; “caso tentassem parar de traduzir para debater algo, acabaria que ficariam investigando e revisando infinitamente, sem obter nenhum progresso”, “se tentassem simplificar para facilitar, enfrentariam críticas por forçar interpretações desajeitadas sobre o texto original, fazendo com que apenas ficassem dores de mãos” (Sengrui, 1995b, p. 387).

Devido à complexidade da língua sânscrita, “o mestre (Kumārajīva), sabendo que os chineses gostavam de formas simples e concisas, cortava e omitia os textos” (Sengrui, 1995b, p. 387). Por isso, Kumārajīva era capaz, principalmente, de fazer traduções livres. Os textos escritos em chinês que passaram pelo retoque de Sengzhao, Sengrong, Sengrui e outros monges têm certamente uma retórica clara e fluente e um bom gosto literário, mas é difícil garantir que não haja, devido a isso, detimento do significado das palavras ou partes incorretas na tradução. Foram descobertos fragmentos em sânscrito da escritura *Sūtrālaṅkāra-śāstra* traduzida por Kumārajīva e, através da verificação feita pelo Sr. Ji Xianlin, confirmou-se que, como esperado, a tradução de Kumārajīva muitas vezes eliminava o peso do texto original, não era limitada pela estrutura do texto original, e até mesmo fazia alterações do conteúdo do texto original. Mas a prática de Xuanzang é diferente: ele atribuía grande importância à “revisão e conferência” do texto traduzido e do texto original, a fim de garantir a qualidade da tradução.

Após examinar e comparar as versões em sânscrito e em chinês dos clássicos *Mahāyānābhidharma-samuccaya* e *Abhidharmakośa*, os acadêmicos especializados em cultura indiana e chinesa, o professor Prahlad Pradhan e o Sr. Zhang Jianmu, embora tenham identificado ligeiras deficiências, basicamente consideraram que as traduções estão acordo com o texto original e ficaram satisfeitos e convencidos com as traduções de Xuanzang<sup>21</sup>. Isto pode ser conferido na *Biografia de Xuanzang* no volume quatro de *Continuação da Biografia de Monges Eminentes*, que afirma: “desde as gerações anteriores, as traduções de escrituras e ensinamentos têm sido feitas seguindo a estrutura da língua sânscrita, sendo produzidas na ordem inversa ao chinês, em seguida esses textos traduzidos eram revertidos para se adequar ao uso habitual do chinês. Após isso, os redatores liam e organizavam as palavras e as frases, realizando adições e omissões, o que resultava frequentemente em perdas do conteúdo original. Guiadas completamente pela intenção de Xuanzang, as traduções atuais são baseadas unicamente em suas interpretações, formando capítulos diretos. Já era possível apreciá-las assim os escribas terminassem de transcrever.” “No processo de tradução entre o sânscrito e o chinês, no que diz respeito à compreensão sutil e profunda do texto original, [...] ninguém foi mais habilidoso do que Xuanzang”. Na *Biografia de Manyue* no volume 3 da *Biografia de Monges Eminentes da Dinastia Song*, afirma-se que: “No início, monges falantes de sânscrito e monges chineses tentavam escutar as palavras dos interlocutores e deduzir os significados. As tentativas para se comunicar eram tão difíceis quanto fazer quadrados caberem em círculos, misturar água e óleo ou tentar colocar um elefante dentro de uma garrafa para exibir sua essência. Mesmo que estivessem a poucos passos de distância, parecia como milhas; mesmo estando cara a cara, ainda assim era difícil de compreender uns aos outros. Posteriormente, os estrangeiros passaram a falar a língua chinesa e nós passamos a entender sânscrito, contudo, apenas 80 a 90 por cento de falas eram entendidas

<sup>21</sup> Para mais detalhes, consultar “*Jushelun shixiao*” de Prahlad Pradhan e Zhang Jianmu, publicado no n.º 7 do primeiro volume do *Estudos budistas modernos*.

e discrepâncias na compreensão aconteciam frequentemente. [...] Depois, Zang [Xuanzang] e Kong [Bukong] (Amoghavajra) passaram a ser proficientes em ambas as línguas [...]. Cada Dharmamudrā e princípios de buda se tornaram os mesmos, bem como cada uma das transmissões dos ensinamentos não se diferiam em essência, o que é considerado quase perfeito". Os dois livros discutem os méritos das traduções de Xuanzang, cujas traduções estão bem documentadas, e é certo que estes elogios não são meros exageros.

Na verdade, é muito difícil que uma tradução substitua a obra original. Seria preferível que o leitor lesse a obra original diretamente, já que, no fim das contas, a tradução envolve uma camada de separação. Além disso, as estruturas gramaticais do chinês e do sânsrito são muito diferentes, sendo muito difícil para uma tradução ser fiel à obra original e, ao mesmo tempo, conseguir manter-se adequada. Kumārajīva já dizia: "Ao traduzir do sânsrito para o chinês, perde o estilo florido do primeiro. Embora a ideia geral seja captada, o estilo do texto é muito diferente. É como mastigar arroz para uma outra pessoa, o arroz não só perde seu o sabor, como também provoca vômito" (Huijiao, 1992, p. 53). Esta é uma afirmação de quem conhece a fundo a doçura e o amargor da tradução. Há muito tempo é dito que a tradução é uma espécie de ciência, e a transição que ela faz de uma língua para outra seria um tipo de recriação.

No decurso dos seus trabalhos, os antigos examinaram as diferentes estruturas e características das diferentes línguas e descobriram determinadas regras que podem ser implementadas, dando assim origem à teoria da tradução. Muitos mestres que traduziram as escrituras falaram sobre padrões e teorias a respeito da tradução, que ainda hoje são dignas de referência, como o "Lun Wushiben Sanbuyi" (Discutindo as cinco perdas nos textos e os três inalteráveis)<sup>22</sup>, de Dao'an, e "Mingbabei" (Elucidando os oito preparativos)<sup>23</sup>, de Yan Cong, que são bastante completos. Na sua tradução prática, Xuanzang abordou a questão da transliteração e do significado propondo "cinco categorias de termos que não devem ser traduzidos": "Primeiro, por serem secretos, como dhāraṇīs; Segundo, por conterem múltiplos significados, como Bhagavān, que contém seis significados; Terceiro, por inexistência da coisa, como a árvore Jambū, árvore inexistente na China; Quarto, por tradições antigas, como anubodhi, que não é que não se deva traduzir, mas que desde Kāśyapa Mātaṅga sempre foi transliterado conforme a pronúncia sânscrita; Quinto, por motivos de respeito, como por exemplo a palavra de Prajñā evoca respeito, enquanto a tradução literal para a palavra local 'zhihui' (sabedoria) pode parecer superficial; e 'qimizhizuo'<sup>24</sup> foi traduzido como "shijiamouni" (transliteração de Śākyamuni) enquanto Śākyamuni é conhecido como 'Nengren' (poderoso e benevolente); mas o termo 'Nengren' implica um status mais humilde que o de Confúcio.

Anubodhi é conhecido como 'zhengbianzhi' (onisciente), mas nesta terra, a escola de Laozi já possui o verdadeiro caminho (Dao) supremo (Wushang Zhenghen Zhi Dao). Bodhisattva é

<sup>22</sup> Para mais detalhes, consultar "Prefácio ao Prajñāpāramitā-sūtra" de Dao'an no volume 8 de *Compilação de Notas do Tripitaka*.

<sup>23</sup> Para mais detalhes, consultar "Biografia de Yancong" no volume 4 da *Continuação da Biografia de Monges Eminentes*.

<sup>24</sup> (N.T.) qimizhizuo (七迷之作) é um possível nome antigo de Śākyamuni.

conhecido como *Dadaoxinzongsheng* (aqueles que aspiram a transcendência para beneficiar todos os seres), mas como esse termo é considerado impróprio, deve-se manter o termo sem tradução”<sup>25</sup>.

Esta tese de Xuanzang tornou-se um padrão para as traduções posteriores das escrituras. É dito que os 100 volumes do *Yogācārabhūmīśāstra*, traduzidos por Xuanzang, correspondem a 40.000 versos em sânscrito. Décadas atrás, foram descobertos no Tibete fragmentos do primeiro tomo dos pergaminhos originais do *Yogācārabhūmīśāstra*, que possuem canções mnemônicas, instruções analíticas e discussões, porém ele ainda não foi publicado. Os acadêmicos contemporâneos que compararam os fragmentos do *Yogācārabhūmīśāstra* em sânscrito com a tradução de Xuanzang expressam “uma grande admiração pelo rigor da versão chinesa, considerando que é raro encontrar traduções modernas que se equiparem a ela em termos de precisão” (Zhang, 1951). Por conseguinte, as traduções de Xuanzang fizeram com que a tradução da dinastia Tang desse um passo à frente, escrevendo uma página que marcou uma época na história da tradução chinesa.

### 3. As peculiaridades da tradução de Xuanzang

A respeito das peculiaridades da tradução de Xuanzang, resumidamente, pode-se listar quatro aspectos:

I. As traduções são realizadas de forma coletiva, com divisão do trabalho e execução planejada. À medida que a atividade da tradução avançava, a tradução individual passou a ser coletiva, exigindo o estabelecimento do instituto de tradução de escrituras. A tradução que antes era feita por um único tradutor evoluiu para um trabalho com divisão de tarefas, valorizando a especialidade de cada indivíduo. Entretanto, sob a presidência de Dao'an e Zhao Zheng, o processo de tradução já envolveu figuras como tradutor-chefe, recitadores (ou “seguradores de livros estrangeiros”), escribas, retocadores, verificadores de sentido, investigadores-revisores, comparadores de textos, dentre outros, fazendo com que a escala do instituto de tradução tomasse forma. Centenas de pessoas participaram do instituto de tradução de Kumārajīva<sup>26</sup>, eles “analisam detalhadamente o significado e o propósito, examinando cuidadosamente os textos e depois os registram” (Sengrui, 1995a, p. 293). Por isso, em cada tradução de um texto, havia “em cada frase, três conferências”, garantindo que, naturalmente, as traduções ganhassem sucesso em termos da qualidade assim que fossem publicadas.

Xuanzang absorveu as experiências das gerações anteriores e selecionou o essencial de uma vasta quantidade de materiais, estabelecendo um sistema de procedimentos de tradução com divisão

<sup>25</sup> Ver Prefácio à Coleção de Terminologia da Tradução de Zhou Dunyi da dinastia Song, que cita “Discurso do Mestre Xuanzang da dinastia Tang sobre os cinco casos que não se deve traduzir”. O volume 3 de Biografia de Monges Eminentres da Dinastia Song, sendo o Após a Biografia de Manyue: Discurso, afirma que “Xuanzang também esclareceu as cinco categorias de termos que não devem ser traduzidos, uma prática comparável às notas sobre o uso de um livro desenvolvidas por Zuo Qiuming e aos métodos especiais utilizados por historiadores para tratar determinadas exceções na documentação”.

<sup>26</sup> No volume 14 do Livro de Wei, que é o Tratado sobre Budismo e Taoísmo, afirma-se que: “naquela época, Kumārajīva foi honrado por Yao Xing e reuniu oitocentas pessoas em uma cabana em Chang'an para retraduzir as escrituras”. No volume 11 da Compilação de notas do *Tripiṭaka*, o Registo Posterior de *Bodhisattva-pratimokṣa*, registra-se que: “No Templo de Xiaoyao, três mil estudantes, juntamente com Kumārajīva, participaram na delinearão de mais de cinquenta sutras da tradição māha/hīnayāna”.

de responsabilidades e funções especializadas. Nos registros relevantes da *Continuação das Biografias de Monges Eminentes* e nos prefácios dos sutras traduzidos por Xuanzang, podemos ver que o instituto de tradução e os procedimentos de tradução presididos por eles seguiam este formato:

- i. Tradutor-chefe (Yizhu): É o tradutor principal e o responsável geral do instituto de tradução. Este deve ser proficiente em sânscrito e chinês, estudar profundamente os sutras e os tratados *Mahāyāna* e *Hīnayāna*, discernir nomenclaturas, e esclarecer significados sutis. É responsável por fazer julgamentos sobre quaisquer dúvidas na tradução.
- ii. Verificador de significado (Zhengyi): É quem dá apoio para o tradutor-chefe. Eles examinam os textos traduzidos para verificar se há quaisquer divergências ou erros de significado em relação ao texto sânscrito e decidem analisando em conjunto com o tradutor-chefe.
- iii. Verificador do texto (Zhengywen): Este presta atenção durante a leitura do texto em sânscrito pelo tradutor-chefe para identificar possíveis erros em relação ao texto original.
- iv. Transcrito (Shushou): É também chamado “transmissor de palavras” (Duyu) e é responsável por transliterar as palavras sânscritas para o chinês.
- v. Escriba (Bishou): Traduz o significado de palavras sânscritas em palavras chinesas.
- vi. Organizador de texto (Zhuiwen): Dado que a estrutura e gramática do sânscrito e do chinês são diferentes, este cargo é responsável pela organização de textos para adaptá-los à estrutura do chinês.
- vii. Revisor (Canyi): Confere as diferentes versões do texto original e verifica se há erros no texto original, e ao mesmo tempo, examina a tradução voltando no texto original para averiguar os possíveis erros.
- viii. Editor (Kanding): Devido às diferenças na estrutura das línguas sânscrita e chinesa, o editor ajusta cada frase, seção e capítulo traduzidos do sânscrito para o chinês, eliminando os excessos e preservando o essencial para deixar o texto claro e conciso.
- ix. Retocador (Runwen): Faz os aperfeiçoamentos no texto já traduzido, para que fique fluente e belo.
- x. Recitador do texto em sânscrito (Fanbei): Após os nove procedimentos acima e a conclusão da tradução, é também necessário recitar mais uma vez em sânscrito para corrigir a desarmonia das sílabas, para facilitar a recitação e divulgação.

A partir da sequência de sutras que Xuanzang traduziu e dos registros sobre seu costume de compensar o trabalho durante a noite no caso de ter tarefas extras durante o dia e sobre o fato de “dormir entre onze horas e uma hora da madrugada e acordar entre três e cinco horas da manhã” (Huili & Yancong, 1983, p. 158), pode-se observar que Xuanzang conduzia as traduções de forma focada e planejada. Nos seus dezenove anos no trabalho de tradução, do 19º ao 23º ano de Zhenguan (645 a 649 d. C.), colocou como centro de seu trabalho traduzir o *Yogācārabhūmiśāstra*, pois este discurso é a doutrina fundamental da escola Yogācāra do Budismo *Mahāyāna*.

Uma das razões pelas quais Xuanzang se aventurou em sua viagem para o Ocidente foi para buscar este tratado e por isso, depois de regressar ao seu país, recusou todas as demais tarefas para poder traduzir seriamente este discurso. Ao mesmo tempo, traduziu “uma obra central e dez

ramos” desta escola<sup>27</sup> e escreveu *Os Registos das Regiões Ocidentais da Grande Dinastia Tang*. Do primeiro ano de Yonghui ao quarto ano de Xianqing (de 650 a 659 d.C.), ele teve como foco central a tradução do *Abhidharma-kośa-bhāṣya/śāstra*, que representava a conclusão final do estudo do Abhidharma na tradição Hīnayāna. Envolvendo este foco, também traduziu importantes tratados da tradição Yogācāra. Ao mesmo tempo, fez a tradução do *Vijñāpti-mātratā-siddhi*, onde, adotando uma abordagem eclética, reconciliou os estudos do Dharmapāla com as doutrinas de diversas escolas e fez uma conclusão das escolhas entre as teorias filosóficas das várias escolas budistas, apontando a síntese final da escola Yogācāra. Isto reflete como Xuanzang desenvolveu sua própria doutrina em suas traduções, estabelecendo bases preparatórias para o estabelecimento da escola Dharmalakṣana (Yogācāra) na China.

Do quinto ano de Xianqing ao primeiro ano de Linde (de 660 a 664 d.C.), a tradução do *Mahā-prajñāpāramitā Sūtra* foi o centro de seu trabalho, com o objetivo de conectar a doutrina da escola Yogācāra com Prajñā, reconciliando as chamadas disputas do “vazio” [de madhyamakā] e “existência” [de Yoga] dentro do Budismo Mahāyāna. A partir disso, pode-se ver que a tradução de Xuanzang dos textos budistas “prestou atenção à origem e desenvolvimento das várias escolas de pensamento, fazendo uma apresentação completa. Podemos conhecer o panorama do budismo indiano em suas traduções. Ele dedicou toda sua vida aos estudos, e embora não tenha deixado nenhum trabalho autoral, podemos ver aqui suas profundas e amplas realizações” (You, 1964)<sup>28</sup>.

II. Xuanzang era cuidadoso e prudente em sua abordagem e, antes de traduzir, examinava os vários textos, comparava as suas semelhanças e diferenças, escolhendo e seguindo as melhores versões. Devido às diferenças entre as versões, algumas palavras e frases variam significativamente. Portanto, era necessário comparar as diferenças e semelhanças entre os textos, fazer julgamentos com base nisso e corrigir as palavras e frases equivocadas dos livros antigos. Este é um método comum utilizado pelos estudiosos antigos. É possível notar isto a partir das biografias de Xuanzang, bem como dos posfácios de sutras traduzidos por ele. Por exemplo, nos *Comentários do Vimśatikāvijñaptimātratāsiddhiḥ* de Kuiji, ele relata: “Desta vez eu e o tripiṭaka-ācārya, mestre Xuanzang, revisamos várias versões sâncritas”; e no décimo volume da *Biografia do Tripiṭaka-ācārya*

<sup>27</sup> Os clássicos que a escola dharmalakṣana se baseia são principalmente os seis sutras: *Mahāvaiḍulya Buddhāvatāmsaka Sūtra*, *Saṁdhī-nirmocana-sūtra*, *Rulai chuxian Gongde Zhuangyan Jing*, *Abhidharma-sūtra*, *Lankāvatāra-sūtra* e o *Mahāyāna-ghana-vyūha-sūtra*. De acordo com as notas descritivas do volume I do *Vijñāpti-mātratā-siddhi*, a “obra central” se refere ao *Yogācārabhūmi-Śāstra*, e os “dez ramos” são: *Āryavācāprakaraṇa-śāstra*, *Mahāyāna-sūtrālamkāra-kārikā*, *Pramāṇa-samuccaya*, *Mahāyāna-samgraha*, *Daśabhūmi-vyākhyāna*, *Fenbie Yujia Lun*, *Madhyantavibhaga*, *Vimśatikāvijñaptimātratāsiddhiḥ*, *Ālambanaparīkṣā*, e *Mahāyānābhidharma-samuccaya*.

<sup>28</sup> De acordo com Xiong Shili: “Quando o mestre Xuanzang regressou à China, já havia preparado e proclamado os planos para a sua tradução. Os sutras grandes e pequenos trazidos pelo mestre foram delicadamente selecionados. A coleção dos sutras sobre Prajñā introduzidos por kumārajīva ainda não estava completa. Quanto ao mestre Xuanzang, além de ter grande erudição, completou traduções não apenas de sutras, mas também de tratados. Os mais importantes dos (sutras) Hīnayāna, dos śāstras da escola Sāṃkhya [Nota de Ting Fu: Xuanzang apenas traduziu o *Daśapadārthī* da escola vaiśeṣika, não dando seguimento a tradução das escrituras da escola Sāṃkhya. Os três volumes do *Suvarṇasaptati* da escola Sāṃkhya foram traduzidos por Chen Zhendi. O Sr. Xiong deve ter se enganado nesse caso] e da escola Sāṃkhya também foram selecionados para tradução. Ele também realizou traduções complementares para o cânones Prajñā, o qual ainda não havia sido introduzido. Os ensinamentos de Buda estão mantidos na China até os dias de hoje, e com a expansão feita pelo mestre Xuanzang, a absorção (dos ensinamentos) conseguiu ser mais vasta”. [em *Ensaios sobre a História da Filosofia Chinesa*, p. 101].

do Templo de Daci'en sobre a tradução do *Mahā-prajñāpāramitā Sūtra*, afirma-se que: “No entanto, o mestre obteve três versões nas regiões ocidentais e, ao fazer as traduções aqui, descobriu várias dúvidas e erros nos textos. Então conferiu e revisou as três versões para identificá-los. Somente após revisões e investigações meticulosas é que ele começou a escrever. Seu espírito de prudência não tinha paralelo desde os tempos antigos”. Após a tradução do *Samayabhedo-paracanacakra-śāstra*, Xuanzang compôs um verso que dizia: “Preparei em detalhes as versões em sânscrito para depois traduzir o *Paracanacakra-śāstra*”. A chamada afirmação de que “preparei em detalhes as versões em sânscrito” indica que ele sempre fazia uma comparação para verificar as versões antes de realizar a tradução.

III. As traduções de Xuanzang demonstram uma precisão linguística que se alinha perfeitamente com os textos originais. Ele adota tanto a tradução literal como a tradução livre, sem se ater a uma única regra. Não é fácil para a tradução exprimir com exatidão o espírito do original, pois depende do conhecimento e do domínio da habilidade linguística do tradutor. No *Prefácio à Interpretação da Grande Sabedoria*, Sengrui disse: “se a linguagem não consegue ser clara e precisa, não é possível corresponder ao significado original; se não tiver correspondência com o significado original, não há como alcançar a verdadeira compreensão através da escrita. Se a linguagem não for clara, como então se pode alcançar o mesmo destino através de caminhos distintos? Esse é um princípio básico” (Sengrui, 1995b, p. 387). Antes de deixar o país, Xuanzang já havia “ampliado contatos com pessoas de várias nações, aprendendo várias línguas” (Daoxuan, 2014, p. 97). Ao chegar ao Templo de Nalanda na Índia, dedicou-se especialmente ao estudo da Vyākaraṇa (gramática) dos brāhmaṇas (brahmins) para compreender as flexões (gramaticais), e conseguiu passar a escrever textos em sânscrito.

Em suas conversas com os indianos, “sua expressão era clara, elegante e de uma beleza indescritível”. “Governantes e ministros de mais de uma centena de países o receberam com reverência, trocaram ideias e dialogaram com ele diretamente, sem necessidade de ter um intérprete. Ao analisar as intenções sutis das escrituras, tanto os chineses quanto os estrangeiros sentiam-se à vontade e satisfeitos” (Daoxuan, 2014, p. 139). Quando Xuanzang traduziu o segundo volume do *Yogācārabhūmi-śāstra*, usou a palavra “Puruṣa” como exemplo para explicar as “sete expressões da sentença” (as sete declinações dos substantivos<sup>29</sup>) do sânscrito; no volume 81, esclareceu a definição de Sambandha-vākyā (frase coerente/satisfatória) e Asambandha-vākyā (frase incoerente/insatisfatória), demonstrando suas realizações no estudo da retórica e gramática. Portanto, ler as traduções de Xuanzang é como se “ler os textos originais e ouvir os sons das palavras sânscritas” (Bianji, n.d.). Além disso, “enquanto muitos intérpretes e tradutores possuem um aspecto do qual se sobressaem, são poucos aqueles que possuem um conhecimento abrangente e aprofundado. Somente o tripiṭaka-ācārya mestre Xuanzang pesquisou o Yinxun<sup>30</sup> dos dois países e examinou a fundo as fontes de diferentes escolas, como se estivesse ouvindo diretamente do próprio Buda, capturando completamente seus sentidos” (Zanning, 2015, p. 61).

<sup>29</sup> (N.T.) Na realidade, a língua sânscrita possui oito casos gramaticais, os mesmos do protoindo-europeu, contudo a gramática tradicional da língua não reconhece o vocativo como caso gramatical.

<sup>30</sup> (N.T.) Yinxun é explicar o significado de uma palavra usando palavras com sons iguais ou semelhantes.

Para garantir que o estilo e significado da tradução sejam condizentes aos do original, gerando uma harmonia de estilo e fluxo satisfatório de palavras, o método de tradução de Xuanzang não estava sujeito às limitações da tradução literal ou da tradução livre. O objetivo dele era não prejudicar o sentido original, e sim facilitar a compreensão dos leitores. A sua tradução não é um tipo de texto chinês sanscritizado, formando um gênero de tradução “preciso e significante”<sup>31</sup>.

Sobre os trabalhos de comparação dos clássicos em sânscrito e em chinês, estudiosos contemporâneos como o senhor Wang Sen, o mestre Bazhou, e estudiosos da Índia, como Baduosheli, Jujiali, Boba, Shengdi Biqui<sup>32</sup>, dentre outros, realizaram muitíssimos trabalhos que não serão citados aqui. Para fornecer uma breve explanação, aqui apenas adotamos como exemplo a comparação entre os textos sânscritos de *Mahāyānābhidharma-samuccaya* e *Abhidharma-kośa-bhāṣya/śāstra* e suas traduções chinesas. Os acadêmicos que realizaram comparações descobriram que Xuanzang, ao traduzir, começava sempre por compreender bem o texto original e depois o expressava de forma clara e apropriada em chinês, a fim de adaptar suas traduções às convenções linguísticas do chinês. Adicionava com frequência uma conclusão ao final de uma seção, enriquecendo a tradução com notas explicativas. Às vezes acrescentava algumas palavras na tradução, para que o significado do texto fosse mais claro e evidente, às vezes, substituía alguns termos técnicos por outros substantivos para facilitar a compreensão dos leitores<sup>33</sup>.

Na investigação e conferência dos clássicos em sânscrito e em chinês, o Professor Prahlad Pradhan (1951) resumiu cerca de sete características distintas nas traduções de Xuanzang: 1) [o uso] de pronomes; 2) composição e decomposição; 3) adição; 4) omissão; 5) mudança de ordem; 6) pseudo-empréstimo; e 7) notas explicativas adicionais. Por isso, depois de estudar os textos budistas em sânscrito e em chinês, o senhor Ji Xianlin não pôde deixar de pensar que “a tradução de Xuanzang é fiel ao texto original sem ter uma leitura estranha, tendo atingido o auge da excelência” (Ji, 1951).

---

<sup>31</sup> Lü Qiuyi (Lü Cheng) afirma no artigo *Escola da compaixão (yogācāra)*: “Em comparação com o estilo adorado de Kumārajīva, a tradução dele [Xuanzang] parece ser muito simples; mas em comparação com as traduções simples e modestas de Dharmagupta e Yijing, ela parece ser mais refinada. Isso mostra que é difícil definir um padrão para simplicidade ou elegância de um texto. Da mesma forma, pode-se dizer que, em comparação com as traduções de Kumārajīva que apenas preservaram a ideia geral, as traduções de Xuanzang pertencem à tradução literal. No entanto, em comparação com as traduções complicadas de Yijing, pode-se dizer que suas traduções se aproximam de uma tradução mais livre. Por isso, é difícil também fazer uma diferenciação metódicamente clara entre a tradução livre e literal. Na verdade, em termos de tradução, é obrigatório que ela consiga transmitir o sentido, e a tradução de Xuanzang obteve sucesso neste aspecto. Ele também usou um estilo variado de rimas alternadas entre tradicionais e inovadoras de seis dinastias, considerando o formato entrelaçado do sânscrito e criando um estilo preciso e significante de texto”. (Ver o n.º 9 de 1953 de *Estudos budistas modernos*). Como afirma Daoxuan na “Bibliografia de Xuanzang” na *Continuação da Biografia de Monges Eminentes*: “Mas o que os clássicos sânscritos enfatizavam era a fraseologia, a forma de conexão intrincada e a estrutura repetitiva. A língua Tang (chinesa) também possui suas complexidades, por isso, foram estabelecidos cargos específicos para refinar os textos, e as pessoas que assumiram esses cargos não só deixaram claro o sentido das palavras, como também conseguiram manter a métrica e a rima de maneira bastante apropriada”.

<sup>32</sup> (N.T.) O nome original dos autores indianos não encontrados, sendo possível prover apenas uma transcrição fonética de seus nomes em mandarim. “Baduosheli” se refere a “跋多闍梨”, “Jujiali” se refere a “俱揭梨”, “Boba” se refere a “波跋” e “Shengdibiqui” se refere a “圣谛比丘”.

<sup>33</sup> Para mais detalhes, veja o artigo “Ju She Lun Shi Xiao” de Prahlad Pradhan e Zhang Jianmu, publicado no n.º 7 do primeiro volume de *Estudos budistas modernos*.

IV. Xuanzang retraduziu as escrituras e sutras. Com referência às traduções antigas, revisou e corrigiu os erros anteriores, de modo a torná-las mais aprimoradas. Nas atividades tradutórias, é uma prática comum retraduzir as obras que foram traduzidas pelos predecessores caso as traduções estivessem incompletas ou insatisfatórias. Em relação à retradução dos clássicos budistas, quando consultamos a seção de índice do volume 55 do *Tripiṭaka Taisho* revisado no Período Taishō do Japão, podemos perceber que a maioria dos sutras principais possuem versões retraduzidas, alguns chegando até mesmo a terem seis ou sete traduções, como o *Śūraṅgama Sūtra*, que foi retraduzido nove vezes.

Nos acervos de traduções de Xuanzang, existem muitas retraduções. As razões pelas quais ele retraduziu eram:

- i. As antigas traduções do sânscrito não estavam completas, algumas eram apenas uma parte dos grandes clássicos. Tendo como exemplo o *Yogācārabhūmi-śāstra*, em que apenas uma pequena parte foi traduzida por Dharmakṣema, que deu forma ao *Bodhisattvabhūmi* em dez volumes; Guṇavarman também traduziu uma pequena parte do *Yogācārabhūmi-śāstra*, que constituiu os dez volumes do *Bodhisattva Śīlabhadra Sūtra*; Paramārtha também traduziu uma pequena parte desse sutra que formou cinco volumes do *Saptadaśa bhūmi-śāstra* e o *Vinīrṇīta-pitaka-śāstra*. A tradução do *Yogācārabhūmi-śāstra* não foi completa até Xuanzang traduzi-lo em 100 volumes. Tendo sido traduzido de forma completa do início ao fim, foi então finalizada por completo a tradução do *Yogācāra*. Outro exemplo é a tradução dos duzentos volumes do *Abhidharma Mahāvibhāṣā Śāstra* por Xuanzang, que foi realizada para complementar os cem volumes do *Bhāṣā Śāstra* de Dao Tai da dinastia Liang do Norte. Outro exemplo é o *Mahā-prajñāpāramitā Sūtra*, totalizando 16 sessões em quatro partes, o texto em sânscrito tem um total de mais de cem mil versos, dos quais nove sessões foram traduzidas individualmente e sete sessões são retraduções<sup>34</sup>. Xuanzang, não suprimindo uma única palavra, fez a retradução completa, totalizando em seiscentos volumes.
- ii. A retradução serve para rever e corrigir erros e omissões das traduções antigas a fim de que se tornem edições refinadas. Assim, ao traduzir, Xuanzang demonstrava “desdém pelos antigos, comparava as versões minuciosamente de acordo com o original, para evidenciar os erros anteriores” (Daoxuan, 2014, p. 139). Não que as antigas traduções não tivessem nada que pudesse ser aproveitado, elas ainda serviam como referência. Nesse caso, Xuanzang preservou o que era adequado, corrigiu os erros e escolheu cuidadosamente o que devia ser mantido ou descartado a fim de fazer com que a tradução atingisse a perfeição.

Para a atividade tradutória de hoje, os quatro aspectos apresentados ainda são dignos de atenção. Acima foi feita uma breve discussão a respeito das contribuições de Xuanzang para a história da tradução na China. Para finalizar, utilizaremos as palavras do falecido professor indiano, Prahlad Pradhan:

---

<sup>34</sup> Para mais detalhes, ver volume 19 do *Kaiyuan shijiao lu* (Registro dos Ensinamentos de Śākyamuni Compilados Durante o Período Kaiyuan).

Independentemente do ponto de vista, Xuanzang é o maior tradutor de todos os tempos, tanto na China como no exterior. Não existe um tradutor tão grande como este para além da China. Na história cultural de toda a humanidade, só se pode dizer que Xuanzang foi o primeiro grande tradutor. A China possui a honra de ser a pátria de tal tradutor e somente uma grande China poderia produzir um grande tradutor como este" (Pradhan, 1951).

## Referências

- Bianji (n.d.). *Elogio ao relato das regiões ocidentais da Grande Dinastia Tang* [大唐西域记赞].
- Dao'an (n.d.). Bi Nai Ye Xu [鼻奈耶序]. Em *Taishō shinshū daizōkyō* (T.24, n. 1464). CBETA.
- Daoxuan. (2014). *Continuação da biografia de monges eminentes I* [续高僧传 (上)]. Zhonghua Book Company.
- Huijiao. (1992). *Biografia de Monges Eminentes* [高僧传]. Zhonghua Book Company.
- Huili & Yancong. (1983). *Biografia do Tripitaka-ācārya do Templo de Daci'en* [大慈恩寺三藏法师传]. Zhonghua Book Company.
- Ji, X. (1951). Sobre a tradução no movimento de 4 de maio [“五四”谈翻译]. *Boletim de Tradução* [翻译通报], 2(5).
- Pradhan, P. (1951). O Grande Tradutor Xuanzang [伟大的翻译家玄奘]. *Boletim de Tradução* [翻译通报], 2(5 & 6), 63–64, 10–12.
- Sengrui. (1995a). Prefácio ao Pañcavimśatisāhasrikā Prajñāpāramitā [大品经序]. Em Sengyou (Org.), *Compilação de Notas do Tripitaka* [出三藏记集] (pp. 291–293). Zhonghua Book Company.
- Sengrui. (1995b). Prefácio da Explanação do Grande Conhecimento [大智释论序]. Em Sengyou (Org.), *Compilação de Notas do Tripitaka* [出三藏记集] (pp. 385–388). Zhonghua Book Company.
- Sengyou (Org.). (1995). *Compilação de Notas do Tripitaka* [出三藏记集]. Zhonghua Book Company.
- You, X. (1964). A atividade de tradução de sutras do mestre Xuanzang [玄奘法师的译经事业]. *Estudos budistas modernos* [现代佛学], 3, 20–23.
- Zanning. (1987). Biografia de Kuiji do Templo Ci'en em Jingzhao da Dinastia Tang [唐京兆大慈恩寺窥基传]. Em *Biografia de Monges Eminentes da Dinastia Song* [宋高僧传 (上)] (pp. 63–66). Zhonghua Book Company.
- Zanning. (2015). *Uma Breve História dos Monges da Dinastia Song* [大宋僧史略]. Zhonghua Book Company.
- Zhang, J. (1951). Discussão sobre a aprendizagem da experiência de tradução das eras antigas [论吸收古代的翻译经验]. *Boletim de Tradução* [翻译通报], 2(5), 53–56.

## Notas editoriais

### Direito de primeira publicação

O artigo aqui traduzido foi publicado inicialmente pela Imprensa Comercial no livro *Coletânea de Teoria da Tradução Chinesa* [翻译论集], editado por Luo Xinzhong e Chen Yingnian, em 2009, sob o título “略论玄奘在中国翻译史上的贡献”.

### Referência do texto-fonte

Yang, T. (2009). Uma breve discussão acerca da contribuição de Xuanzang na história da tradução da China [略论玄奘在中国翻译史上的贡献]. In X. Luo & Y. Chen (Org.), *Coletânea de Teoria da Tradução Chinesa* [翻译论集] (pp. 73-87). The Commercial Press.

## Autorização de tradução

Esta tradução integra o projeto “Tradução da Coletânea de Teoria da Tradução Chinesa”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Xuefei Min, da Universidade de Pequim. A autorização para traduzir o livro *Coletânea de Teoria da Tradução Chinesa* [翻译论集], organizado por Luo Xinzheng e Chen Yingnian, foi concedida pela The Commercial Press em 2021 para a realização do referido projeto. Os tradutores do texto “Uma breve discussão acerca da contribuição de Xuanzang na história da tradução da China” são membros desse projeto e esta versão traduzida constitui um dos resultados do projeto.

## Conjunto de dados de pesquisa

Não se aplica.

## Financiamento

Esta tradução foi financiada pelo projeto de “Tradução da Coletânea de Teoria da Tradução Chinesa” (Fundo Nacional de Ciências Sociais da China: 21WWWB002) e apoiada pelo Conselho de Bolsa de Estudo da China.

## Conflito de interesses

Não se aplica.

## Licença de uso

Os autores e tradutores cedem à *Cadernos de Tradução* os direitos exclusivos de publicação da tradução em língua portuguesa, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Os tradutores, em consenso com os autores, têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria da tradução e publicação em língua portuguesa nesta revista.

## Publisher

*Cadernos de Tradução* é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista *Cadernos de Tradução* é hospedada pelo [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores e tradutores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## Editores do número especial

Xiang Zhang – Li Ye

## Editores de seção

Andréia Guerini – Willian Moura

## Normalização

Alice S. Rezende – Ingrid Bignardi – João G. P. Silveira – Kamila Oliveira

## Histórico

Recebido em: 30-04-2025

Aprovado em: 30-06-2025

Revisado em: 30-07-2025

Publicado em: 09-2025